

Dossiê Metodologias de Pesquisa em Psicanálise: Caminhos, Paradoxos e Impasses

Pesquisa em psicanálise, política e a experiência vivida do homem negro

Lucas Passos de Moura¹

Priscilla Melo Ribeiro de Lima²

Daniela Scheinkman³

Resumo

O presente estudo busca examinar possíveis articulações entre a pesquisa em psicanálise, a política e a metodologia da experiência vivida. Inicialmente, apresentamos a relação inextricável entre a práxis psicanalítica e a política, entendendo que os ramos da psicanálise e de seus paradigmas se fundam, criticamente, no seio da cultura. Em seguida, apresentamos o já estabelecido diálogo entre a psicanálise e o delineamento com narrativas, base para a estruturação de variados percursos metodológicos em pesquisas acadêmicas. Por meio dessa articulação, analisamos um desses possíveis percursos: a experiência vivida. Partimos, inicialmente, de sua construção como conceito filosófico e, depois, enfocando naquela que é objeto de interesse deste texto: a noção de “experiência vivida do homem negro” [l’expérience vécue du Noir], desenvolvida pelo psiquiatra martinicano Frantz Fanon. Nossa expectativa é de que as considerações do teórico possam contribuir para discussões contemporâneas

1 Psicanalista em formação permanente (GEA-TCP, Aletheia), bacharel e mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Goiás (UFG), Doutorando na linha “Psicanálise, Psicopatologia e Linguagem” do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (PPGPsiCC, UnB) (Brasília, Brasil). Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-1587-2155>. E-mail de contato: lucaspassosdemoura@gmail.com.

2 Psicóloga pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO), Mestre e Doutora em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (PPGPsiCC, UnB), com estágio pós-doutoral em Literatura pelo Programa de Pós-graduação em Literatura da Universidade de Brasília (PosLIT, UnB). É docente do Curso de Psicologia da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás (UFG), do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Faculdade de Educação da UFG (PPGP, UFG) e do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras da UFG (PPGLL, UFG). Coordena o Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Narrativas Marginais, e o Grupo de leituras Laboratório de Literatura (LabLit) (Goiás, Brasil). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2426-0715>. E-mail de contato: primlima@ufg.br.

3 Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (PPGPsiCC, UnB) (Brasília, Brasil). Possui Graduação em Psicologia pela Universidade Santa Úrsula (1986). Pós-doutorado na USP pelo Programa de Pós-Graduação de Psicologia Escolar e Desenvolvimento Humano (2019). Pós-doutorado na Universidade de Tel-Aviv pelo Departamento de Psicologia da Faculdade de Ciências Sociais (2020). Mestrado em Psicanálise pela Université de Paris VIII (1994) e Doutorado em Filosofia pela Université de Paris VIII (1999). É Membro dos Fóruns do Campo Lacaniano-Brasília. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7925-573X>. E-mail de contato: daniela.scheinkman@gmail.com.

acerca da estruturação de percursos metodológicos com pesquisas em psicanálise, alargando os limites da teoria a partir de seu aspecto inegavelmente político.

Palavras-chave: Pesquisa em psicanálise, Política, Crítica anticolonial, Narrativas de vida, Frantz Fanon.

Introdução

Toda pesquisa científica se situa, por certo, em um campo epistemológico que se articula com uma ontologia, um método e, por consequência, aposta em direcionamentos metodológicos específicos. Esse enlace poderia ser resumido à noção de que: no processo de abstração do fenômeno que visamos analisar, ter em vista aquilo que determinamos como conhecimento e, igualmente, aquilo que assumimos como agente que o acessa é indispensável para as escolhas que efetuamos no processo de investigação. É nesse sentido, ainda, que o método e o percurso metodológico aparecem como correspondentes à especificidade do que recortamos e o que chamamos de objeto. Esse esquema valorizado por nossa herança do método cartesiano consiste nos princípios básicos que aprendemos, regularmente, nas disciplinas acadêmicas de introdução à pesquisa.

No entanto, como pesquisadores do campo psicanalítico, sentimo-nos provocados a fim de questionar esse esquema. Isso se dá pela adoção de um conceito indispensável que o atravessaria de forma radical: o inconsciente. Desde Freud (1933/2020), esta concepção é pensada como: (1) relativa a algo que acessamos por seus efeitos, o inconsciente descritivo; (2) concernente ao que diria de conflitos intrapsíquicos, o inconsciente dinâmico; (3) e, remetendo a uma organização quase que geográfica do aparato psíquico, o inconsciente topológico. Essas perspectivas teriam como sobressalto a ideia de que o psiquismo não apontaria para uma unidade, sendo, ao contrário, cindido em parcelas que se opõem umas contra as outras. Por certo, as premissas que acompanham a noção conceitual de inconsciente proposta por Freud poderiam ameaçar a coesão que sustenta o esquema, por exemplo por meio das delimitações bem marcadas entre o pesquisador, o objeto e o conhecimento produzido na relação entre estes.

É nessa direção que apontamos como esse pressuposto fundamental desafia a pretensa neutralidade das investigações científicas, movimento que, segundo nossa perspectiva, esconde o caráter ideológico das pesquisas e o que se denomina como a sua cientificidade. Contudo, acreditamos que, para além disso, em nosso caso, haveria a abordagem desta problemática por um ângulo muito específico: pelo prisma da clínica, em que a técnica provida pelo método não garantiria a neutralidade, mas, como observa Freud (1912/2020), sustentaria uma abstenção. Nessa perspectiva, o analista, valendo-se da atenção equiflutuante, escutaria o analisante em associação livre, a partir da relação transferencial. Esta seria atravessada pela vida psíquica do analisante diante do lugar ocupado pelo analista, fazendo referência à dinâmica que encontra expressão na transferência através da repetição; repetição pensada como um devir criativo, essencial para que o tratamento seja possível (Lacan, 1957/2021). Ou seja, é necessário que aquilo que emerge no contexto clínico seja ouvido e manejado de maneira que o analista esteja avisado do lugar que está ocupando.

Para tanto, foi determinado, ao longo da história de estruturação da psicanálise, um processo assentado em três pilares: o estudo teórico, a supervisão e a análise pessoal (Tardits, 2011). Passar por este processo, que regularmente chamamos de “formação”, sustentaria a abstinência necessária para que o trabalho analítico prossiga sem que interferências que não cabem ao setting estabelecido apareçam e atrapalhem o tratamento. Para Tardits (2003), Lacan ainda avança na discussão acerca da formação em psicanálise, especialmente quanto à definida em seu tempo, que se aproximava daquilo que se tornaria a psicologia do ego. Para este, a formação convocaria o analista a se responsabilizar por sua atuação clínica e, por consequência, também o convocaria a se engajar na responsabilidade da psicanálise no seio da cultura, assim como em sua responsabilidade diante do discurso da ciência e seus efeitos.

Gostaríamos de trabalhar com esta responsabilização do analista, ampliando-a ao campo da investigação em psicanálise. Acreditamos que o lugar ocupado por quem pesquisa em psicanálise também poderia se valer desta diretriz, uma vez que o pesquisador observa, descreve e analisa o fenômeno a partir das lentes da comunidade em que está inserido, valendo-se de seus consensos, dissensos e recomendações metodológicas, como nos lembra Kuhn (1962/2017). Por certo, essa franqueza quanto ao lugar ocupado pelo pesquisador dentro de uma comunidade científica e as suas responsabilidades já está presente em discussões acerca dos delineamentos nas ciências humanas, especialmente no campo das narrativas. Isso é perceptível, por exemplo, no cuidado ético quanto à responsabilidade que o pesquisador assume ao propor que o participante fale sobre assuntos sensíveis em pesquisas com entrevistas, principalmente quando este advém de algum grupo marginalizado. Em geral, essa precaução é formalizada nas submissões aos comitês de ética, sendo necessário discriminar todos os objetivos da pesquisa, assim como os possíveis direcionamentos em caso de crise.

Ainda com isso em vista, ressaltamos como esta aproximação já está instituída, levando em conta que o campo das narrativas possui afinidades com as produções construídas ao longo da estruturação e popularização da psicanálise. Lembremos, como ilustração, que os casos clínicos se assemelham a uma narração sistematizada, revelando que nossa condição moderna prima pelo relato da vida em modelos próximos ao do romance, vide a categoria “romance familiar do neurótico” cunhada por Freud (1909/2020). Outra demonstração dessa proximidade é a noção de “mito individual do neurótico” trabalhada por Lacan (1953/2008) em sua abordagem da eficácia simbólica como chave de leitura para o tratamento analítico, desvelando como, na Modernidade, aquilo que era tomado como um pressuposto cultural compartilhado dá seu lugar a uma história contada, individual, que assume o status de mito. É interessante ressaltar como essa primazia do romance como o gênero da Modernidade e as implicações psíquicas que possibilitaram isso foram analisadas por vários intelectuais da época. Destacamos, em especial, a leitura de Walter Benjamin (1936/2012), que associava a ascensão do gênero ao declínio da tradição oral e o caracterizava como a profunda perplexidade/desorientação [Ratlosigkeit] dos vivos. Para o ensaísta alemão, esta desorientação diria da perda de um referencial compartilhado e transmitido coletivamente, que daria lugar ao ensimesmamento do indivíduo, assim como a sua “solidão” e os seus conflitos internos.

Assim, privilegiando a proximidade entre a psicanálise e o delineamento com narrativas, este estudo propõe discutir e resgatar um percurso metodológico específico: a experiência vivida. Acreditamos que resgatar esta articulação entre a narração acerca do vivido e a elaboração teórica poderia fomentar avanços quanto às questões éticas envolvendo a implicação e a responsabilização pelos efeitos de uma pesquisa em psicanálise. Adotamos essa perspectiva como um paralelo à formação em psicanálise, uma vez que, ao escrever sobre a sua própria condição, o pesquisador teria a possibilidade de elaborar essa posição assumida, fazer reconhecida a sua responsabilidade no processo, além de se afastar totalmente da pretensa neutralidade que ainda é valorizada em alguns setores do meio acadêmico. Como já discutido, acreditamos que esta valorização da neutralidade seria ideológica e, por isso, também ressaltamos como nossa escolha tem um caráter político.

Quanto a isso, caminhamos com Lima e Lima (2020), Moura e Lima (2025) e Rosa (2002, 2012) que destacam como existem, inequivocamente, implicações ético-políticas no campo de investigação da psicanálise, entendendo que trabalhos que se desdobram anunciando sua posição diante do movimento investigativo explicitariam este aspecto já presente. Para evitar seu encobrimento, as autoras argumentam que seria indispensável a elaboração de um percurso metodológico socialmente crítico e referenciado, sendo ainda necessário que este se abra para que elementos que remetam à particularidade política da pesquisa possam ser contornados, bem-ditos, mas, antes de tudo, reconhecidos e localizados. Este cuidado seria necessário já que, como as autoras asseveram, os ideais culturais inscritos nos discursos dominantes atravessam, continuamente, os processos identificatórios, a produção de sintomas e de sofrimento social e psíquico, assim como a própria teorização acerca desses fenômenos (Moura et al., 2025).

A fim de defendermos a discussão proposta ante o panorama apresentado, tomamos como enfoque a noção de “experiência vivida do homem negro” [l’expérience vécue du Noir], desenvolvida pelo psiquiatra martinicano Frantz Fanon, sendo que a escolha pelo recorte se dá por este escancarar como uma pesquisa tem implicações ético-políticas. Elencamos como objetivo principal: examinar as aproximações possíveis entre a pesquisa em psicanálise e o percurso metodológico da experiência vivida. Como objetivos específicos, escolhemos: avaliar a complexa estruturação da psicanálise como campo investigativo e a sua aproximação ao delineamento com narrativas; e, discutir a elaboração fanoniana de “experiência vivida do homem negro”, assim como os seus desdobramentos para as pesquisas em psicanálise.

A pesquisa em psicanálise e a política

Antes de adentrarmos na aproximação entre os dois campos que buscamos analisar, é necessário detalharmos melhor isso que chamamos de “pesquisa em psicanálise”, assim como o aspecto político que a acompanha. Seguindo as considerações de Nogueira (2004), abordamos a psicanálise por meio do entrelaçamento de três condições que, necessariamente, precisam aparecer em conjunto: a teoria psicológica, a pesquisa e o tratamento. Esse nó seria necessário para suportarmos a hipótese do inconsciente, uma vez que, como já discutimos, esse seria o operador principal do campo investigativo psicanalítico. Suster esse nó significa

que, mesmo quando um dos ramos aparece como o foco, ainda assim os outros teriam sua parcela de importância. Por isso, a pesquisa em psicanálise seria aquela que trabalha com a hipótese do inconsciente, sendo atravessada, intrinsecamente, pela atuação clínica.

Esse movimento e sua articulação com a política são perceptíveis desde a origem da psicanálise, uma vez que esta sempre acompanhou, mesmo que à sua maneira, as questões mais urgentes de seu horizonte cultural a partir de suas expressões na práxis. Se Freud abandona a hipnose e formula uma técnica alinhada à hipótese do inconsciente, só consegue fazê-lo escutando o mal-estar revelado nos enigmáticos sintomas histéricos. Estes, por sua vez, remetiam à moral vitoriana que incidia desigualmente sobre os seus estratos, de maneira que algumas de suas exigências se tornavam insustentáveis para determinados grupos sociais (Freud, 1908/2020). É nesse sentido que a complexidade dos desdobramentos teórico-clínicos da psicanálise, invariavelmente localizados nos limites da cultura, tensionou os supostos arautos da normalidade e dos discursos que buscavam sustentá-los, o que se explicita ao considerarmos a própria concepção de ciência. Lacan (1966/2021a, 2003/1992) nos lembra que a teoria psicanalítica surge descentrando a questão do método científico em vista do sujeito cartesiano, de sua tomada como um indivíduo e de todos os pressupostos que acompanham a assunção dessa premissa incontornável. Ao contrário, a psicanálise desvela um furo nesta discursividade, propondo um sujeito, mas um sujeito do inconsciente, ou seja, um sujeito que é cindido, que não é sem divisão, portanto não é indivíduo.

Essa verdadeira ferida narcísica (Freud, 1917/2019, p. 244), uma afronta ao “narcisismo geral, ao amor-próprio da humanidade”, que se apresenta como uma denúncia, também questionaria o saber compartilhado imaginariamente e o saber-fazer científico, apostando em uma investigação que não buscaria compreensão [compréhension], mas algo mais próximo do entendimento [entendement] e, então, do ouvir [entendre]. Como Soler (2020, p. 43) aponta, este jogo homofônico de palavras presente em Lacan apresentaria a sua concepção do fazer analítico, uma vez que reporta à técnica, e a possibilidade da escuta do inconsciente, daquilo que escapa às significações do discurso: “o entendimento [entendement] não me força a compreender. É um convite a se desprender das significações do discurso imediato”. É apontando esses furos no discurso que a psicanálise também tensiona os limites da subjetividade de sua época, articulando a teorização e a práxis clínica a uma crítica da cultura.

Comisso em vista, endossamos como a psicanálise, em todas as suas frentes inseparáveis, parece ser chamada a fim de assumir as implicações éticas e, não obstante, políticas de sua escuta clínica, como bem observa Tardits (2003): “Lacan sempre manterá a necessidade de levar em consideração a experiência analítica pelas coordenadas da cultura, às características particulares que elas destinam ao mal-estar que esta, precisamente, determina”. Isto seria endossado a fim de garantir uma abertura aos achados teórico-clínicos, seguindo a via aberta pela técnica que propõe um campo de investigação estranho à possibilidade de um saber isento de conflito, de um saber que se pretende completo e inteiramente compreensível.

De maneira sucinta, entendemos como só há pesquisa psicanalítica com clínica, e essa não se destaca de seu contexto; pelo contrário, ela se forja neste. Por certo, as várias faces do mal-estar contemporâneo se apresentam no cotidiano do trabalho analítico, levando-nos, a partir da escuta, a mobilizarmos a teoria e, acima de tudo, a reescrevê-la tomando experiências

singulares diante de determinada condição particular. Lacan (1957/2021) se vale de um neologismo para lidar com essa impossibilidade de nos destacarmos do mundo simbólico e, portanto, de nos destacarmos de nosso contexto histórico e social: a política do autruche, fazendo referência à avestruz [autruche] que esconde a sua cabeça de outrem [autrui] e dos enganos que se dão pela pretensa invisibilidade cínica dessa situação, marcadamente uma situação intersubjetiva. Ora, ainda que a psicanálise reconheça a negatividade ontológica do sujeito, só haveria essa possibilidade, pois, há todo um mundo simbólico antecedente que, mesmo lhe sendo exterior, requer sua implicação. É nessa trilha que se cria, igualmente, a possibilidade da análise como um percurso em que o sujeito emerge em vista das falhas que nascem da repetição de histórias contadas, carregadas de sentidos cristalizantes, de lugares pretensamente já determinados, impassíveis à mudança. O trabalho de análise se revolve nesse espaço, pois esse circuito é condição ao advento do sujeito. E, como já adiantamos, é a partir desse trabalho que a psicanálise se nutre e se funda continuamente.

Aproximações ao delineamento com narrativas

Isto posto, reiteramos a aproximação entre a pesquisa em psicanálise e o delineamento com narrativas. Guerra et al. (2022, p. 21) descrevem como trabalhos na aproximação desses dois campos poderiam fornecer caminhos para acessarmos “os processos psíquicos dos sujeitos, permitindo, ainda, considerar as dimensões inconscientes e políticas, a saber, discursivas, que atravessam esses processos”. Ao problematizar as tradições comuns desse tipo de delineamento, como as biografias, a história oral e os testemunhos, as autoras descrevem algumas particularidades da pesquisa em psicanálise diante da possibilidade de tomar narrativas como percurso metodológico. A primeira particularidade diria de seu afastamento quanto à unidade autor e narrador suposta, especificamente, nas autobiografias, uma vez que, para a psicanálise, sempre haveria o Outro que cinde a unidade e a quem a fala é direcionada. Assim, no empreendimento investigativo, este lugar de Outro pode ser representado pelo pesquisador em uma relação transferencial. A segunda particularidade se referiria à história oral, que se preocupa com “a historicidade material dos fatos e seu registro histórico”, enquanto a pesquisa em psicanálise estaria ocupada com “os signos ou os elementos significantes que fixaram, simbolicamente, as marcas dos sujeitos nos coletivos, grupos e comunidades” (Guerra et al., 2022, p. 31). A última particularidade, referente ao testemunho, diria de afinidades quanto a esse percurso metodológico e a práxis psicanalítica, apontando para sua origem em concepções clínicas, como a noção de trauma, luto e memória.

Ainda quanto à especificidade da interface, Guerra et al. (2022, pp. 31-32), focando na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais, apontam como o almejado é “apreender os processos inconscientes em jogo na determinação dos fatos estudados, assim como derivar, da posição singular de um sujeito em face do fenômeno pesquisado, elementos que possam colaborar com uma leitura ampliada dele que possa ser útil na análise e intervenção de situações próximas”. O que seria importante, então, não é a mera descrição do fato recortado para a análise, “mas, a maneira como é experimentada a subjetivação do fato vivido” (p. 32). A dimensão do vivido, assim, aparece no plano principal. Esta dimensão, ao ser encarada através

do aporte clínico, poderia ser o caminho para acessarmos o inconsciente, via suas formações, revelando como aquilo que aparece na associação livre, mesmo que não corresponda a uma verdade irrefutável, carregaria um efeito de verdade: “narrar uma história, eleger palavras para organizar um passado, funda no ato mesmo da narrativa sua verdade histórica. Haverá sempre uma verdade nas formações do inconsciente, mesmo que ela apareça narrada como mentira, ficção ou invenção” (Guerra et al., 2023, p. 36). Assim, é possível nos atentarmos como a hipótese do inconsciente, essencial para a delimitação do que consideramos como psicanálise, aponta os limites em sua interface com as metodologias a partir de narrativas, ainda que estas se aproximem, sem dúvidas, da investigação psicanalítica.

Quanto a estes limites, Guerra et al. (2023) resgatam a modalidade da “escrita de si”, lembrando-nos como, diante do que há de indeterminável no campo da linguagem, o gozo, seria impossível chegarmos a um ponto comum quanto à dimensão do real da experiência humana. Para estas, não haveria, exatamente, uma hermenêutica capaz de conciliar isso que diz do que escapa ao encadeamento significativo e aos seus efeitos de significado e significação. Contudo, esse enfoque da escrita de si poderia ser tomado como o propulsor para a produção de instrumentos para leituras de narrativas memorialísticas. Guerra et al. (2023) propõem articular o universal-singular, macro-micro, objetivo-subjetivo para a análise de fenômenos sociais complexos, como a violência, a criminalidade e o racismo, a partir do paralelo entre a narrativa e o acontecimento. Nessa proposição, “os marcadores lógicos extraídos das análises [demarcariam] pontos de escrita do gozo na sintaxe singular de cada sujeito” e, mesmo não sendo universalizáveis, “eles [evidenciariam] o campo do comum que determina discursivamente a experiência de gozo em determinado tempo histórico, cultura e geopolítica” (Guerra et al., 2023, pp. 136-137, grifo das autoras).

Assim, essa proposta de percurso metodológico em psicanálise descortinaria “os matizes dos processos civilizatórios em sua fina imiscuição na gestão dos corpos e das subjetividades” (Guerra et al., 2023, p. 138), lembrando-nos do caráter político dos empreendimentos investigativos. Torna-se evidente, então, como o movimento investido na pesquisa psicanalítica em sua amplitude diante de fenômenos sociais complexos resgata o caráter político a partir da exceção, do singular nas narrativas analisadas, fundando a condição de universal a partir da teoria (Guerra, 2019). Isso já estaria no cerne da psicanálise: Freud, ao estruturar os casos clínicos, apresentava aqueles que tinham sido de difícil manejo, ou mesmo aqueles que ele considerava ter fracassado, apontando para os limites da teoria e buscando fazê-la avançar (Guerra et al., 2023).

Diante do que apresentamos até aqui, torna-se notório que a aproximação entre estes dois campos, ainda que seja possível e já existente, demonstra-se sob a tensão alimentada pela especificidade do método psicanalítico que nasce com o ensejo de ser científico. Através de noções como “inconsciente” (Freud, 1924/2019) e “sujeito” (Lacan, 1966/2021a), somos aportados ao movimento de “não saber”, de lidar com aquilo que escapará, inevitavelmente, ao que está definido como conhecimento científico – a própria noção de objeto a, circunscrito como o objeto da psicanálise, remeteria a esta posição fundamental (Lacan, 1966/2021a, 2004/2021, 1986/2018). Bispo et al. (2023) descrevem como essa especificidade da interface não seria exatamente infértil, sendo, em verdade, algo semelhante ao marco inicial da psicanálise:

a práxis clínica que fundará a teoria psicanalítica adveio daquilo que era considerado uma afecção que o conhecimento científico da época não conseguia definir por meio de um diagnóstico e um tratamento, a histeria. Mediante estes limites e o déficit da hipnose quanto ao retorno dos sintomas histéricos, formulou-se a técnica, uma legítima talking cure [cura pela fala]. A pergunta que, então, colocamos é: como trabalhar a partir dos limites que se apresentam hoje, em especial, aqueles que já discutimos, acerca da interface entre o campo da psicanálise e o das narrativas?

Contribuições a partir da noção de experiência vivida

Acreditamos que considerar a dimensão do vivido do pesquisador em investigações psicanalíticas poderia ser uma saída para os entraves desse limite, principalmente relevando os avanços quanto ao que postulamos como universal, ou seja, aquilo que defendemos como teoria. Essa é a aposta de Bispo (2023, grifo nosso) que defende, ao retornar à escrevivência como percurso metodológico, a possibilidade de “escutar as experiências vividas e as subversões subjetivas e políticas do inconsciente, que se contrapõem aos enquadres coloniais do saber e do ser”. É nesse sentido que se faz necessário lembrarmos: criada pela escritora brasileira Conceição Evaristo e tendo suas raízes na insurreição das mães pretas diante da Casa-Grande, escrevivência condiz com “um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças” (Evaristo, 2020, p. 30). A proposta da escritora é resgatar esse caminho aberto pelas mulheres escravizadas, apropriando-se da escrita, há tanto espoliada pela dominação colonial, e produzindo uma obra de caráter crítico, mas que não perde de vista a sua dimensão universal.

Bispo (2023), na esteira de Evaristo, acredita que tomar a escrevivência como percurso metodológico revela “a necessidade de uma subversão epistemológica que se contraponha ao enquadre eurocêntrico da produção de conhecimento, que marginaliza a produção de intelectuais negras”. Retornando ao texto “O sujeito enfim em questão” de Lacan (1966/2021b), em que o psicanalista trata da relação entre psicanálise e ciência, Bispo (2023) declara como seria promissor apresentar um conhecimento produzido a partir da experiência vivida em uma análise ao domínio daquilo que é transmitido, apostando nisso como uma possibilidade de sustentar a hipótese do inconsciente como base dos empreendimentos investigativos psicanalíticos. Também, seria uma maneira de interrogar a psicanálise que se estabelece na academia, levando-a, conseqüentemente, a encarar o real que não se inscreve no conhecimento científico e lidar com o não saber. Este seria um impasse que, como já destacamos, diz da origem da psicanálise diante da problemática da histeria, enigma para o diagnóstico médico na virada do século XIX para o XX (Freud, 1924/2019).

Lacan (1966/2021b, p. 234) sublinha a importância central disso: “é difícil não ver introduzida, desde antes da psicanálise, uma dimensão que poderíamos dizer do sintoma, que se articula por representar o retorno da verdade como tal na falha de um saber”. Ainda é necessário ressaltar que a proposta de produzir a partir dos limites do conhecimento científico

tomando a experiência vivida como referencial, não diria de uma produção fechada em si mesma, pois o que se coloca como horizonte é a costura entre aquilo que é experimentado singularmente e o que é passível de ser tomado como coletivo (Evaristo, 2020). Assim, poderíamos traçar um paralelo entre a subversão realizada pela psicanálise em seu surgimento e a pesquisa em psicanálise com metodologia de experiência vivida, já que esta realizaria uma “subversão epistemológica que revitaliza a subversão psicanalítica do sujeito abstrato da ciência, mas sobretudo propõe uma insurgência política” (Bispo, 2023, pp. 4-5). Seguindo estas considerações, resgatamos a noção de experiência vivida do homem negro, formulada por Frantz Fanon (1952/2020) em *Pele negra, máscaras brancas*.

Certamente, a ideia de experiência vivida não se apresenta apenas no texto de Fanon. Como Renault (2014) destaca, havia uma forte influência do existencialismo na crítica anticolonial formulada pelo psiquiatra, sendo incontestável o diálogo com intelectuais como Sartre e Beauvoir. Desta última, há uma referência mais velada, mas que se anuncia como ponto fundamental em seu trabalho. É dela que advém a noção de experiência vivida como parâmetro para se colocar à prova a teoria (Provost, 2021), compreendida, no sentido fenomenológico, como consciência intencional e atribuição de sentido ao que se vive. Se em Beauvoir a experiência vivida implica em reconhecer o locus que a mulher ocupa na cultura e, conseqüentemente, na assunção de uma crítica diante daquilo que foi teorizado sobre esta condição, em Fanon, o movimento concerne ao locus cultural de homem negro. Este seria construído a partir da imagem de uma besta lasciva, irracional, levada unicamente pela paixão; seria a construção de um verdadeiro mito. É com isso que Fanon se depara a partir de sua condição de imigrante na Metrópole francesa, como detalhamos em outro lugar (Moura et al., 2026).

Nascido na Martinica, ainda hoje considerado um território francês ultramarino, Fanon cresceu acreditando nos lemas da República Francesa e em sua liberdade professada (Faustino, 2018). Contudo, após conseguir uma oportunidade de continuar seus estudos na França em vista de sua participação nos combates da Segunda Grande Guerra, este enfrentou uma desilusão quanto a estas promessas da cultura (Cherki, 2022; Shatz, 2024). A desilusão está detalhada no quinto capítulo de *Pele negra, máscaras brancas*, reconhecidamente um relato com fortes traços autobiográficos e que recebe o nome “a experiência vivida do homem negro”. É indispensável ressaltarmos como esta proximidade ao campo das narrativas, talvez até de um cunho literário, foi alvo de reprimenda em sua época, uma vez que o livro se trata de uma tese de exercício em medicina que foi descartada por recomendação de seu orientador. Para além disso, a sua publicação foi recebida em seu contexto de maneira inexpressiva, ganhando atenção apenas a partir da década de 1980, com a virada pós-colonial, como apontado por Faustino (2022, p. 121), um “período de grande debate sobre cultura, identidades, diferença, fronteiras nacionais e autoritarismo, presente inclusive em experiências históricas de orientação socialista ou anticolonial”. É neste momento que Fanon reaparece como “[porta-voz] do mundo colonizado e, sobretudo . . . como instaurador de uma grande ruptura no âmbito das ciências sociais” (Faustino, 2022, p. 126).

Esta ruptura, que nos parece consistir no movimento de trabalho a partir dos limites do conhecimento científico, já se evidencia no início do capítulo que recortamos: “negro imundo!”

ou simplesmente: ‘Olhe, um negro!’.

Vim ao mundo preocupado em suscitar um sentido nas coisas, minha alma cheia do desejo de estar na origem do mundo, e eis que me descubro objeto em meio a outros objetos” (Fanon, 1952/2020, p. 125). Através desse movimento, que expõe um relato acerca do vivido, o psiquiatra decompõe a condição do homem negro na cultura, entendendo que esta não seria acidental: “enquanto o negro estiver em seu lar, não precisará, exceto por ocasião de lutas internas de menor gravidade, pôr seu ser à prova de outrem . . . o negro já não precisa ser negro, mas precisa sê-lo diante do branco” (p. 125). Com o relato de sua condição, Fanon pôde observar criticamente como o universal, postulado pelas teorias da época, tomavam o homem negro como patológico, valendo-se inclusive do aporte teórico disponível para produzir leituras ideológicas de fenômenos dados na relação entre povos colonizadores e povos dominados. Um exemplo do campo psicanalítico é a leitura de Octave Mannoni (1950/2022) acerca da relação entre representantes da metrópole e os malgaxes. Para este, haveria uma relação de conformismo baseada na inferioridade experimentada no âmbito psíquico pelo colonizado, e que repousaria sob o conceito de “complexo de dependência” [complexe de dépendance]. Fanon é categórico em sua crítica ao afirmar que a análise de Octave Mannoni não se sustentava, salientando a desconsideração das determinações históricas da relação analisada.

Tendo como pano de fundo esse movimento, nasce a tese central do livro de que a imagem do negro investida narcisisticamente pela cultura e as suas produções discursivas, verdadeiros mitos, alimentariam esse locus de alienação, que ele especifica como “alienação colonial” (Fanon, 1964/2021; Moura et al., 2026). Como já abordado, isso é alvo de denúncia no relato do psiquiatra: “àquela altura, desorientado, incapaz de sair por aí com o outro, o branco implacável que me aprisionava, fui para longe da minha própria presença, muito longe, e me fiz objeto . . . não queria essa reconsideração . . . queria simplesmente ser um homem entre outros homens” (Fanon, 1952/2020, p. 128). Ainda se inscrevendo no campo da psicanálise e dos conhecimentos psicológicos de sua época, Fanon se valeu de categorias conceituais, voltando o seu olhar para o fenômeno preterido do racismo e da dominação colonial. No entanto, passava a teoria pelo crivo do vivido, como na escrita de episódios de racismo sofrido na rua ao ouvir o grito de uma criança, em estações de trem ao ser olhado com desprezo e em conversas informais com colegas de curso na universidade (Fanon, 1952/2020). Portanto, conseguimos perceber como a experiência vivida do homem negro é tomada pelo teórico como uma metodologia de investigação científica, suscitando um avanço na teoria, mas não se desvencilhando totalmente do já estabelecido.

Considerações finais

Diante do exposto, retomamos à proposta inicial deste artigo: considerar a experiência vivida como metodologia nas pesquisas em psicanálise. Entendemos essa perspectiva como uma forma de colocar a teoria à prova a partir do vivido, especialmente em determinados loci sociais em que, via de regra, a leitura comum na teoria é atravessada por mitos e produções discursivas de caráter ideológico. Também propomos o resgate dessa metodologia tendo em vista as dificuldades relativas ao lidar com o não saber que atravessam o campo das pesquisas

em psicanálise, principalmente em ambientes acadêmicos, que se apresenta como um limite quanto ao conhecimento científico. Assumir esse delineamento e os seus procedimentos metodológicos colocaria em questão a homogeneidade suposta nessa relação tornando as suas fronteiras ainda menos delimitadas e, com isso, respondendo melhor às noções fundamentais do campo psicanalítico, como inconsciente e sujeito. Para além, acreditamos que adotar a experiência vivida como metodologia de pesquisas em psicanálise colocaria em relevo o caráter político desse tipo de investigação, como evidencia o trabalho de Fanon ao abordar a experiência vivida do homem negro. Nessa direção, a proposta aqui esboçada também tensiona os enquadres epistemológicos coloniais, atualizando a subversão tão própria à psicanálise.

Referências

- Benjamin, W. (2012). O narrador. In Walter, B., *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense. (Obra original publicada em 1936).
- Bispo, F. S. (2023). Escrivência como metodologia de pesquisa em psicanálise. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 26.
- Bispo, F. S., Guerra, A. M. C., Bagalho, J. O., & Júnior, A. C. P. (2023). Análise psicanalítica de narrativas: perspectivas de Freud a Lacan. In Moreira, J. O., & Guerra, A. M., *Narrativas memorialísticas: metodologia de pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais complexos*. Porto Alegre: ediPUCRS.
- Cherki, A. (2022). *Frantz Fanon: um retrato*. São Paulo: Perspectiva.
- Evaristo, C. (2020). A escrivência e seus subtextos. In Duarte, C. L., & Nunes, I. R. (Orgs.), *Escrivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte.
- Fanon, F. (2020). *Pele negra, máscaras brancas*. São Paulo: Ubu. (Obra original publicada em 1952).
- Fanon, F. (2021). *Por uma revolução africana*. Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1964).
- Faustino, D. M. (2018). *Frantz Fanon: um revolucionário particularmente negro*. São Paulo: Ciclo Contínuo.
- Faustino, D. M. (2022). *Frantz Fanon e as encruzilhadas*. São Paulo: Ubu.
- Freud, S. (2019). Uma dificuldade da psicanálise. In Freud, S., *Obras completas* (Vol. 14). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1917).
- Freud, S. (2019). Resumo da psicanálise. In Freud, S., *Obras completas* (Vol. 16). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1924).
- Freud, S. (2020). A moral “cultural” sexual e a doença nervosa moderna. In Freud, S., *Cultura, sociedade e religião*. Belo Horizonte: Autêntica. (Obra original publicada em 1908).
- Freud, S. (2020). O romance familiar do neurótico. In Freud, S., *Obras completas* (Vol. 8). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1909).

- Freud, S. (2020). Sobre a dinâmica da transferência. In Freud, S., *Obras incompletas de Sigmund Freud: fundamentos da clínica psicanalítica*. Belo Horizonte: Autêntica. (Obra original publicada em 1912).
- Freud, S. (2020). A dissecação da personalidade psíquica. In Freud, S., *Obras completas* (Vol. 18). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1933).
- Guerra, A. M. C., Moreira, J. O., & Rodrigues, B. F. (2023). Sobre o estatuto psicanalítico da escrita de si nas narrativas memorialísticas. In Moreira, J. O., & Guerra, A. M., *Narrativas memorialísticas: metodologia de pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais complexos*. Porto Alegre: ediPUCRS.
- Guerra, A. M. C., Moreira, J. O., Oliveira, L. V., & Lima, R. G. (2022). Narrativa memorialística como estratégia de pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais. In Moreira, J. O., & Guerra, A. M., *Pesquisas com narrativas nas ciências humanas: psicanálise, psicologia social, sociologia e história* (pp. 19-50). Porto Alegre: ediPUCRS.
- Guerra, A. M. C. (2019). Universal, particular e singular: psicanálise e política. *Clínica & Cultura*, 8, 7-23.
- Kuhn, T. (2017). *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva. (Obra original publicada em 1962).
- Lacan, J. (2003). A psicanálise verdadeira, e a falsa. In Lacan, J., *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1992).
- Lacan, J. (2008). *O mito individual do neurótico, ou A poesia e verdade na neurose*. Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1953).
- Lacan, J. (2018). *O seminário livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1986).
- Lacan, J. (2021). O seminário sobre a carta roubada. In Lacan, J., *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1957).
- Lacan, J. (2021). *O seminário livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 2004).
- Lacan, J. (2021a). A ciência e a verdade. In Lacan, J., *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1966).
- Lacan, J. (2021b). O sujeito enfim em questão. In Lacan, J., *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1966).
- Lima, P. M. R., & Lima, S. C. D. (2020). Psicanálise crítica: a escuta do sofrimento psíquico e suas implicações sociopolíticas. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 40.
- Mannoni, O. (2022). *Psychologie de la colonisation*. Paris: Éditions du Seuil. (Obra original publicada em 1950).
- Moura, L. P., & Lima, P. M. R. (2025). Uma possível face para o horror: psicanálise, mal-estar e literatura. *Revista UniAraguaia*, 20(1), 294-311.
- Moura, L. P., Lima, P. M. R., & Scheinkman, D. (2026). Calibã em frente ao espelho: a experiência vivida do homem negro como resposta à alienação colonial. *Revista Criação & Crítica*, 43, 101-127.

Moura, L.P. de, Lima, P.M.R. de e Scheinkman, D.

- Moura, L. P., Scheinkman, D., & Lima, P. M. R. (2025). Os impasses da assunção jubilatória do bebê negro: uma discussão clínico-política. *Revista de Psicanálise Stylus*, (50), 105-113.
- Nogueira, L. C. (2004). A pesquisa em psicanálise. *Psicologia USP*, 15, 83-106.
- Provost, M. (2021). Simone de Beauvoir: le marxisme à l'épreuve de l'expérience vécue. *Alter. Revue de Phénoménologie*, (29), 119-136.
- Renault, M. (2014). Le genre de la race: Fanon, lecteur de Beauvoir. *Actuel Marx*, 55(1), 36-48.
- Rosa, M. (2002). Uma escuta psicanalítica das vidas secas. *Revista Textura*, 2(2), 42-47.
- Rosa, M. (2012). Psicanálise implicada: vicissitudes das práticas clínico-políticas. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, (41-42), 29-40.
- Shatz, A. (2024). *A clínica rebelde: uma biografia de Frantz Fanon*. São Paulo: Todavia.
- Soler, C. (2020). Sessão de 19 de dezembro de 2007. In Soler, C., *O inconsciente: o que é isso?* São Paulo: Zagodoni.
- Tardits, A. (2003). L'éthique et le désir de l'analyste. *Essaim*, 11(1), 9-19.
- Tardits, A. (2011). *As formações do psicanalista*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

Research in psychoanalysis, politics, and the lived experience of the black man

Abstract

This paper seeks to examine possible articulations between psychoanalytic research, politics, and the methodology of lived experience. Initially, we present the inextricable relationship between psychoanalytic praxis and politics, understanding that the branches of psychoanalysis and its paradigms are critically grounded within culture. Next, we present the already established dialogue between psychoanalysis and narrative-based design, a basis for structuring various methodological approaches in academic research. Through this articulation, we analyze one of these possible approaches: the lived experience. We begin with its construction as a philosophical concept and then focus on the one that is the subject of interest of this text: the term “lived experience of the Black man” [l’expérience vécue du Noir], developed by the Martinican psychiatrist Frantz Fanon. We hope that the theorist’s considerations can contribute to contemporary discussions about the structuring of methodological approaches in psychoanalytic research, expanding the limits of the theory from its undeniably political aspect.

Keywords: Research in psychoanalysis, Politics, Anti-colonial critique, Narrative design, Frantz Fanon.

Investigación en psicoanálisis, política y la experiencia vivida del hombre negro

Resumen

Este estudio busca examinar las posibles articulaciones entre la investigación psicoanalítica, la política y la metodología de la experiencia vivida. Inicialmente, presentamos la relación inextricable entre la praxis psicoanalítica y la política, entendiendo que las ramas del psicoanálisis y sus paradigmas se fundamentan críticamente en la cultura. A continuación, presentamos el diálogo ya establecido entre el psicoanálisis y el diseño narrativo, una base para estructurar diversos enfoques metodológicos en la investigación académica. A través de esta articulación, analizamos uno de estos posibles enfoques: la experiencia vivida. Comenzamos con su construcción como concepto filosófico y luego nos centramos en el que constituye el tema de interés de este texto: el término “experiencia vivida del Negro” [l’expérience vécue du Noir], desarrollado por el psiquiatra martiniqués Frantz Fanon. Esperamos que las consideraciones del teórico contribuyan a las discusiones contemporáneas sobre la

estructuración de los enfoques metodológicos en la investigación psicoanalítica, ampliando los límites de la teoría desde su innegable aspecto político.

Palabras clave: Investigación en psicoanálisis, Política, Crítica anticolonial, Narrativas de vida. Frantz Fanon.

Recherches en psychanalyse, politique et l'expérience vécue de l'homme noir

Résumé

Cette étude vise à examiner les articulations possibles entre la recherche psychanalytique, la politique et la méthodologie de l'expérience vécue. Nous présentons d'abord la relation indissociable entre la praxis psychanalytique et la politique, en considérant que les branches de la psychanalyse et ses paradigmes sont profondément ancrés dans la culture. Ensuite, nous présentons le dialogue déjà établi entre la psychanalyse et les parcours méthodologiques narratifs, qui sert de base à la structuration de diverses approches méthodologiques dans la recherche académique. À travers cette articulation, nous analysons l'une de ces approches possibles : l'expérience vécue. Nous commençons par sa construction en tant que concept philosophique, puis nous nous concentrons sur celui qui fait l'objet de ce texte : « l'expérience vécue du Noir », développée par le psychiatre martiniquais Frantz Fanon. Nous espérons que les réflexions du théoricien contribueront aux discussions contemporaines sur la structuration des approches méthodologiques en recherche psychanalytique, élargissant ainsi les limites de la théorie au-delà de son aspect indéniablement politique.

Mots-clés: Recherche en psychanalyse, Politique, Critique anticoloniale, Récits, Frantz Fanon.

Recebido em: 31/08/2025

Revisado em: 01/05/2026

Aceito em: 07/05/2026